LINGUAGEM NÃO VERBAL: um olhar semiótico sobre a fotografia

Liana Márcia Gonçalves Mafra[1], Raquel dos Santos Sousa[2]

[1]Professora do Instituto Federal do Maranhão – IFMA/Orientadora do projeto. e-mail: lianamafra@ifma.edu.br
[2]Aluna do Instituto Federal do Maranhão – IFMA/Orientanda do projeto: e-mail: rraquelsousa@hotmail.com

Resumo: Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa PIBIC Jr., em andamento no IFMA, *campus* Santa Inês, que buscou demonstrar a importância da linguagem não verbal, especificamente a fotografia, como registro/documento histórico, objeto de denúncia social, ambiental e política, utilizando os pressupostos da Semiologia – ciência geral dos signos, que tem por objeto qualquer sistema de signos e, especificamente, à Semiótica, com o estudo das imagens. Com o advento da fotografia na primeira metade do século XX, a sociedade começou a transformar-se no mundo das imagens, onde tudo pode ser registrado e reproduzido com precisão e verossimilhança até então impensáveis, pois se começou a transmitir e registrar para a posteridade quase tudo que pudesse ser visto e mostrado, dos fatos mais rotineiros aos mais inusitados. O material base (fotografias) para a organização do corpus e da análise foi produzido na região do Vale do Pindaré. Após o processo de análise, elaborou-se um material de apoio e consulta aos interessados e aprendizes do campus, assim como uma oficina com o resultado da pesquisa, demonstrando que os processos semióticos são historicamente determinados e geograficamente delimitados, pois a visão de mundo de uma comunidade sociocultural e linguística, bem como sua ideologia e sistema de valores, acha-se sempre em processo de (re)formulação. Com o registro fotográfico, a sociedade ganhou poderosa aliada, pois a memória visual é pensada e sentida, coletiva ou individual, e sempre historicamente construída. É também um produto de um processo discursivo, ou seja, há um sujeito que seleciona e trata a informação, revela sistemas de valores, nesse caso, uma verdade social pungente: o problema da fome no mundo; automóveis após acidentes; meio ambiente degradado, dentre outros temas que inquietam a sociedade e que foram registrados pelas lentes da equipe executora do projeto.

Palavras–chave: fotografia, linguagem não verbal, semiótica

1. INTRODUÇÃO

Ao se fazer uma observação rápida ao redor, reconhece-se a presença e influência das imagens na sociedade atual. Em vários momentos da vida do ser humano a sua própria identidade depende de uma comprovação através da sua imagem representada em um retrato, em uma fotografia, tornando-se mais importante que o ser representado.

Como a fotografia foge da linguagem verbal, é estudada pela Semiologia – ciência geral dos signos – que tem por objeto qualquer sistema de signos, como as imagens, gestos, vestuários, ritos e, mais especificamente, pela Semiótica que estuda as imagens, incluindo, dessa forma, a fotografia.

Na primeira metade do século passado, o mundo das imagens começou a ser transmitido e registrado para a posteridade, pois tudo passou a ser reproduzido com precisão e verossimilhança, desde fatos mais triviais aos mais importantes.

A grande influência da fotografia na sociedade atual deve-se ao fato dela ter acompanhado as novas ideias que surgiram com as revoluções do século XIX, pois

> O século XIX foi considerado por muitos historiadores como o século das revoluções – inúmeras guerras assolaram a Europa, processou-se a independência de diversas colônias europeias, especialmente da América Latina, e os movimentos republicanos se instalaram no seio de países antes monarquistas. A sociedade se urbanizou com a introdução de tecnologia na agricultura e o consequente êxodo rural, e novas doutrinas políticas, como o socialismo, promoveram revoluções sociais. O advento da fotografia auxiliou essa efervescência e pode ser considerado como uma das revoluções do século. (COSTA, 2005, p.73)

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

Atualmente, a fotografia adquiriu um reconhecimento documental, reflexo do real quando ocupa nos textos jornalísticos um espaço definido e frequente. Como afirma Barthes (1985, p.132), que "a imagem transforma-se numa escrita, a partir do momento em que é significativa". E ainda enfatiza que uma fotografia será, por nós, considerada fala exatamente como um artigo de jornal.

A leitura semiótica de qualquer texto é extremamente inconstante, pois cada pessoa de determinada sociedade pode fazer uma leitura diferente de um texto em função dos seus valores culturais e visão de mundo, dentre outros aspectos a serem considerados. Dessa forma,

> Todos os processos semióticos são historicamente determinados e geograficamente delimitados, pois a 'visão de mundo' de uma comunidade sociocultural e linguística, bem como sua ideologia e sistema de valores, acha-se sempre em processo de (re) formulação e um constante processo de 'vir a ser' que paradoxalmente transmite a seus membros o sentido de estabilidade e continuidade, ou melhor, os processos culturais são apreendidos no convívio social, uma vez que as semióticas-objeto são particulares em cada sociedade [...] (PAIS, 1997, p.222)

Numa visão simplificada de um processo de comunicação, são identificados um emissor, um receptor e uma mensagem.

> Do ponto de vista semiótico, esse processo assume uma dimensão ampliada e passa a ser percebido como um processo de significação. Enquanto num processo de comunicação, pragmaticamente, o emissor e receptor são seres biológicos e sociais, que possuem um papel no processo de comunicação, independentemente da linguagem utilizada; no processo de significação enunciador e enunciatário correspondem aos papéis actanciais de um discurso, ou seja, ambos são sujeitos do discurso. Já a mensagem de um processo comunicacional corresponde numa primeira instância, ao texto do discurso, mas vai além, tendo em vista que a semiótica tem o objetivo de explorar o sentido do discurso, e não se limita ao sentido da comunicação, porque dá conta e busca sentido num processo mais amplo, o da significação. (SILVA e NETTO, 2008, p.5)

Baseando-se nos pressupostos mencionados acima, este artigo pretende demonstrar resultados parciais do projeto PIBIC Jr., em andamento no IFMA/campus Santa Inês, sob o ponto de vista da Semiótica, realizando uma análise teórica sobre a linguagem não verbal contida em fotografias produzidas pelos executores da pesquisa na cidade de Santa Inês. Objetiva-se com o presente trabalho proporcionar aos aprendizes do campus Santa Inês uma reflexão sobre a linguagem não verbal, através de fotografias dentro do contexto da cidade, demonstrando suas carências, problemas sociais, estruturais e ambientais, assim como, elaborar um material de apoio e consulta com as fotografias coletadas na pesquisa, enriquecendo o acervo bibliográfico do campus, evidenciando que as mesmas podem ser utilizadas de forma didática.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Para realização da investigação, a pesquisa foi dividida em fases para melhor desenvolvimento das ações. Primeiramente, foi realizada uma preparação teórica e crítica com o intuito de oferecer elementos para uma maior compreensão do objeto pesquisado.

Em seguida, coletou-se o corpus da pesquisa (fotografias), relacionado com os problemas sociais e ambientais dentro do contexto da cidade de Santa Inês.

Após a coleta, analisou-se o material produzido mais adequado para a realização do trabalho e da elaboração de um material de apoio e consulta aos interessados e aprendizes do campus. A culminância da pesquisa será uma oficina organizada pela equipe executora, onde será exposto o resultado da pesquisa aos aprendizes do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do *Campus* Santa Inês.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este artigo, como já mencionado, pretende demonstrar resultados parciais da análise da linguagem não verbal, especificamente da fotografia, e suas diferentes leituras, à luz da Semiótica.

> Trata-se do processo discursivo subjacente ao texto fotográfico, da interpretação, ou das várias possibilidades dessas leituras nas relações de comunicação, já que o "saber sobre o mundo" é construído pelo sujeito nas suas práticas sociais, no universo sócio-lingüístico-cultural, em decorrência de todos os discursos que, por sua vez, perpassam suas produções discursivas. É o ser humano, portanto, um ser de

> linguagem, ou seja, um ser de discurso. Discurso é o Ato de Fala e o homem fala com suas roupas, com seu sorriso, olhares, enfim comportamentos, além de falar com suas artes plásticas, musicais, tecnologias, literatura, arquitetura etc. Não importa o tratamento da informação - linguagens verbais, não verbais ou sincréticas - a significação só existe em discurso. (SILVA e NETTO, 2008, p.1)

Dessa forma, foi necessária uma análise semiótica das estruturas do discurso manifestado em fotografias, cujo material foi produzido pela equipe executora, na cidade de Santa Inês, baseado na teoria semiótica, que estuda o percurso gerativo do sentido, dos sistemas de valores, ou ideologias, já que todo texto fotográfico passa pelo olhar de um sujeito.

Como já mencionado, a fotografia proporcionou à memória uma poderosa aliada.

> "Memória visual, pensada e sentida, coletiva ou individual, mas sempre historicamente construída; percebida como uma mensagem composta por sistemas de signo não-verbais, social e individualmente compreendidos através de códigos cuja decifração possibilita a análise de certas ações humanas socialmente determinadas. Pode-se enfatizar que todas as mensagens visuais designam duas funções: a cognitiva e a emotiva. Estas duas funções da comunicação referem-se à denotação (conteúdo da mensagem), e à conotação (dependente da forma como a mensagem é organizada), sendo suas possíveis leituras e interpretações oriundas da experiência do receptor, podendo ser produtora dos mais diferentes sentidos. (SILVA e NETTO, 2008, p.3)

Independentemente das funções que a comunicação exerça, faz-se imperativo pensar e refletir sobre um único sentido que a fotografia em questão suscita, sendo a verdade contundente que ela traduz inegável e inconfundível.

Numa tentativa de análise semiótica, a fotografia, que é um produto de um processo discursivo, ou seja, há um sujeito que seleciona e trata a informação, revela sistemas de valores, nesse caso, uma verdade social pungente: o problema da fome no mundo; automóveis após acidentes; meio ambiente degradado, dentre outros temas que inquietam a sociedade.

Lixão ao lado do *IFMA-campus* Santa Inês

Lixão – vista da sala dos professores

Segundo Barthes, quando o sujeito se depara com uma fotografia em que todos os detalhes são significativos, deve-se fechar os olhos, após vê-la, e deixar os detalhes remontarem sozinhos à nossa consciência afetiva. E fechar os olhos significaria não ter ou tomar consciência do flagelo, mas sim, segundo o semiólogo francês Barthes (1984, p.85), fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio, pois no fundo, a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa. Sabe-se que os elementos do conteúdo da fotografia só irão adquirir sentido por meio das relações estabelecidas entre eles. Tornam-se visíveis através da interpretação que lhe é dada, e ao efeito de sentido que a circunscreve. Ela é multidirecionada, isto é dependerá do olhar de cada "leitor".

As fotografias anteriores representam a realidade do lixão da cidade de Santa Inês que está localizado ao lado do campus do IFMA na cidade mencionada, acarretando problemas ao campus e às pessoas que necessitam dele para sobreviver.

O lixão que está localizado ao lado do campus, como se percebe pela segunda fotografia, reproduzida da janela da sala dos professores, acarreta problema porque é uma forma inadequada de disposição final de resíduos sólidos, que se caracteriza pela descarga simples do lixo sobre o solo, a céu aberto, sem medidas de proteção ao meio ambiente e a saúde pública, pois não existe nenhum controle quanto aos tipos de resíduos depositados e quanto ao local de disposição dos mesmos, como observa-se na foto 1. Nesses casos, resíduos domiciliares e comerciais de baixa periculosidade são depositados juntamente com os industriais e hospitalares, de alto poder poluidor.

Em visita ao lixão, observou-se que, naquele ambiente, há outros problemas associados, como por exemplo, a presença de animais, como porcos, urubus e cães doentes; a presença de catadores (que na maioria dos casos residem no local ou passam a maior parte do dia), além de riscos de incêndios causados pelos gases gerados pela decomposição dos resíduos.

A segunda fotografia é a vista que todos os dias têm-se da sala dos professores do campus, que acarreta inquietação, preocupação e revolta, pois além da poluição visual, há o odor desagradável, a presença de insetos que trazem algumas doenças.

A posição da visão representada pela segunda fotografia (a visão do IFMA sobre o lixão) é a mais comum, no entanto, a outra direção é pouco pensada: o que pensam os catadores sobre o IFMA? sabem o que é? têm intenções de estudar no IFMA ou se sentem excluídos da educação pública?

4. CONCLUSÕES

Embora com resultados ainda parciais, este projeto propiciará a comunidade do campus referido, uma visão diferenciada dos problemas sociais, ambientais e econômicos que abrangem a região do Vale do Pindaré.

A equipe executora continuara coletando os materiais necessários para a confecção de um acervo fotográfico no Instituto Federal de Santa Inês. Também esta passando por um processo de embasamento teórico, através de pesquisas, leituras e análises fotográficas, para o melhor andamento deste projeto.

Quando trabalhamos com a imagem dentro da semiótica o objetivo deve ser refletir sobre a dimensão histórica da imagem fotográfica e as possibilidades efetivas de utilizá-las na composição de um certo conhecimento.

REFERÊNCIAS

BALLER, Leandro. *Imagem Fotográfica:* Possibilidades de Análise em História (2006).

SILVA, Jane Cristina Baptista. NETTO, Rosália Maria. *Fotografia*: um olhar semiótico sobre uma Linguagem não-verbal. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura - Ano 04 n.09 - 2º Semestre de 2008.

BARTHES, Rolland. *Mitologias.* Tradução de Rita Buongermino e Pedro de Souza. 6ed. São Paulo, Difel,1985.

_____. *A Câmara Clara.* Nota sobre A Fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

COSTA, Cristina. *Educação, imagem e mídias.* São paulo: Cortez, 2005. (Col. Aprender e Ensinar com Textos, v. 12)

HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA. Disponível em:< http:WWW.letramagna.com/fotografia.pdf>Acesso em18 de maio de 2012

LYONS, Jhon. Lingua(gem) e lingüística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina (Orgs). *Introdução à linguística:* fundamentos epistemológicos. volume 3. São Paulo: Cortez, 2009.

PAIS, Cidmar Teodoro. In Simpósio; Sociossemiótica e semiótica das culturas: das modalidades. Fortaleza: UFCE,1997.

TREVISAN, Zizi. *O Leitor e O Diálogo dos Signos.* São Paulo: Clíper Editora,2000